

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Globo

Class.: 06

Data: 31/12/71

Pg.: 09

4

Branco e índios, questão de confiança

Pacificação também chega com a guerra

A medicina do homem branco desperta muita curiosidade e, na certa, os índios atribuem poderes sobrenaturais aos remédios



A PRIMEIRA notícia chegada até os sertanistas sobre a existência dos Tekikão foi dada pelo cacique Kamalibe, da tribo Nafuquá. Os Tekikão haviam atacado sua aldeia e raptado sua filha, ainda criança. Diversas notícias a respeito das incursões dos Tekikão, captadas aqui e acolá, indicavam uma característica: eram fejezes e costumavam raptar mulheres, incendiando, antes de se retirarem, as aldeias atacadas.

Os Waurá e os Meinco pagaram sério tributo a esses invasores. Em 1952, Cláudio e Orlando, depois de diversas tentativas, conseguiram entrar na aldeia deles. Eis, segundo o relato textual dos sertanistas, o que aconteceu então: — O sol estava a pino e nessa hora, geramente, o índio repousa. Acompanhado por dois índios Kaiabi, chamados Acuchim e Coá, entramos no acampamento. Numa rede, meio sentado, um velho modorrava. Aquela gente que ele viu, quando abriu os olhos e virou o rosto, não lhe causou espanto. Estava distraído, ausente. Mas a sua distração não durou mais que dois ou três segundos. Encarou-nos. Damos um passo à frente e estendemos ao velho um belo facão de cabo vermelho. Ficando de pé, retesando o corpo, o velho começou a gritar. — Como que sacudidos por um estrondo, puseram-se todos de pé e então o acampamento mergulhou em tremenda confusão. Mulheres gritavam e corriam arrastando os filhos para o mato; Araras e papagaios voavam espavoridos em todas as direções; homens bradando palavras incompreensíveis agarravam suas armas e o ruído de flechas se entrecrocando chegou aos nossos ouvidos.

— Embora sentindo que era inútil, resolvemos insistir mais um pouco nas nossas demonstrações de amizade. Tudo em vão. Quando as flechas começaram a zunir, procuramos refúgio atrás de uma árvore grossa, que se erguia à margem do acampamento. Ai, raciocinando com rapidez, concluímos que uma simples fuga não era possível. Isso porque havia a área limpa do acampamento e seria necessário atravessá-la para atingir o caminho de volta. E, nesse caso, nenhum de nós escaparia das flechas.

— Compreendendo que a situação era difícil, procuramos uma saída. Só existia uma: atufar os Tekikão por meio de alguns disparos feitos para o alto. Não havendo outro remédio, atiramos e os Tekikão fugiram para o mato. Nessa altura, os companheiros que eu havia ficado para trás correram ao nosso encontro e um deles, se não fosse contrário, teria alvejado um grupo de índios que vindo de outra direção, cruzava o terreno do acampamento. Felizmente, o desastre foi evitado.

— Passada a agitação, depositamos os presentes em local bem à vista e tratamos de alcançar o rio, o quanto antes. Percebemos, então, que os índios tentavam bloquear a nossa retirada, o que afinal não conseguimos, porque, enquanto avançavam através da mata, cheia de obstáculos, tinhamos diante de nós a picada larga e desimpedida.

Outro fracasso

1956, outra tentativa também fracassou. Em 1952, o mesmo aconteceu, desta vez com a retirada dos índios para esta região. Um possível conflito dos Tekikão com

índios desconhecidos ou a ocorrência de alguma epidemia entre eles reduziu seu efetivo a cerca de um terço.

Finalmente, em outubro de 1964, Cláudio sobreviveu a uma aldeia e pôs o avião num descampado, mantendo o motor ligado enquanto alguns acompanhantes tentavam uma aproximação pacífica.

Vitória?

Depois de algum tempo de gritaria, fugas, retornos e tremenda gesticulação, entremeadas com palavras de uma língua completamente estranha, os Tekikão começaram a estender os braços aos sertanistas para entregar arcos e flechas, enquanto, com a outra mão, pegavam os presentes que lhes eram estendidos.

Eis o que Cláudio diz desse momento: "Entre tantos índios ansiosos para receber presentes, havia um que, afastado dos outros, apoiado num arco sem flecha, olhava tudo com atenção. Em que estaria pensando? Fazia um paralelo entre o seu povo e aquela gente estranha que acabava de chegar do alto, trazendo coisas que nunca imaginara existir? Ou estaria preocupado com o imenso perigo que, daquele momento em diante, poderia pesar sobre todos eles? Não podíamos saber. Mas algo estava acontecendo em seu íntimo. Seu alheamento, sua atitude interrogativa, não nos passaram despercebidos. Como socorrê-lo? Como explicar-lhe? Sua língua era estranha. Seu mundo era outro. Contudo, para que a cima do Tekikão não se perdesse no vazio, fomos até ele, em pensamento: Tekikão, não temas! O que pretendemos é proteger-te. O que não queremos é que continues a hostilizar os teus irmãos de ra-

ça. Não viemos aqui para ameaçar-te com o nosso munição, mas para defender-te contra ele!"

"Depois de muito suor e insistência, conseguimos obter os nomes de quinze coisas diferentes. Quase nenhuma delas não se podia esperar. É claro, que aqueles índios dessem qualquer atenção a outras coisas que não fossem nós, o avião, as panelas e as caixas de fósforos. Isolados do mundo não se sabe desde quando, era natural que eles estivessem em contato com a nossa presença, e com a série de milagres que haviam presenciado."

O amadurecimento das visitas à aldeia acabou por consolidar a amizade. Alguns tempo mais tarde, necessitados por garimpeiros que deixaram Rio Jatobá, os Tekikão tiveram que ser removidos para dentro da área do Parque Nacional do Xingu onde, bem próximos do Posto Leonardo, estão os restos de interferências nocivas à sua vida.

Kreen-Akarore

Os Kreen-Akarore são um caso à parte. Há alguns anos vêm intrigando os sertanistas, que ouvem a seu respeito as referências mais descontraídas. Em 22 de fevereiro de 1968, começaram, por determinação da Funai, os preparativos de uma expedição destinada a entrar em contato com eles. A expedição para aí-los partiu em junho de 1968, do Posto Diáurum, subindo o rio Manisauá-Missu até um ponto onde foi erguido um acampamento e em seguida, prosseguiu abrindo picada na mata até o rio Peixoto Azevedo onde — já em agosto — foram construídos um segundo campo de aviação, igual-

mente rudimentar, um bate-lão e algumas canoas.

Um imprevisto ocorreu com o descobrimento da aldeia: os índios a abandonaram, embrenhando-se na mata, de onde passaram a vigiar os membros da expedição. Os presentes eram deixados em todos os caminhos que saíam da aldeia para a mata. Somente depois de algum tempo, os índios passaram a recolhê-los, deixando, certa feita, em retribuição, vários macacos mortos e flechados, algumas bordunas e um machado de pedra.

Os Kreen-Akarore são um caso à parte porque constituem um povo raro, cujo estágio de civilização ainda não ultrapassou a idade da pedra polida. A constatação e afirmação disso foi feita pelo sertanista Orlando, que a eles se refere assim:

— Constatamos que eles são de hábitos bem primitivos. Não têm casa; as choças são muito rústicas, muito toscas; são estreitas, compridas, feitas sem nenhuma segurança, com varas, todas elas quebradas à mão. As folhas de bananeira que cobrem suas choças são todas elas cortadas a dente, o que indica que os índios não têm faca, não têm facão, não possuem machado e não se o de pedra.

De maneira que esses índios lutam, lutam tremendentemente para sobreviver numa região como aquela. Pobre mata amazônica, região húmida, muito pobre de peixe; uma região onde o índio não tem material algum de trabalho, não tem ferramenta e onde tudo tem de ser feito à ponta de dente. Eles arrancam o mato com as mãos,

destrubam árvores grandes com machado de pedra, cavam o chão para plantar batata, que foi a única coisa que encontramos lá: batata.

— Não encontramos nenhuma utensílio usado para transportar água, nem recipiente feito com casca de bananeira brava. Não encontramos nenhum que constitui a coifa mais primitiva do índio, em qualquer estágio de cultura, para e a cabeca, a parafusa para carregar água. Descobrimos que sejam índios da família Jê, porque alguns traços, algumas coisas que encontramos dentro da aldeia, principalmente túmulos, são típicamente Jê.

— Encontramos índios de que realmente são homens altos. As bordunas que encontramos lá, de um 1,75 m, indicam isso. O índio Txukahamã, que é um índio Jê e dos mais altos que temos, — 1,85 a 1,90, usava borduna. Mas, a borduna nunca ultrapassa 1,60 a 1,65 metro. De maneira que um homem em pé, numa postura de descanso — como os índios costumam ficar —, com a borduna embalado do queixo, tem de ter pelo menos dois metros de altura para usar uma borduna de 1,75 m.

O curioso é que as bordunas dos Kreen-Akarore são maravilhosamente trabalhadas: algumas são toscas, feitas com raízes de succupira e a haste comuro. Encontramos, porém, bordunas trabalhadas, de sruva, de injá, de ipê, mas todas trabalhadas em forma de lança, muito bem trabalhadas. E todas elas com sinal de que foram trabalhadas com pedra.

O arco e flecha, em contrapartida, são muito pequenos, o que demonstra que estão há bem pouco tempo na utilização dessas armas. Para dormir, eles fazem uma pequena escavação dentro da choça, arrumam um montinho de terra com travesseteiro, cobrem tudo com folhas de bananeira e deitam ali. Para cobertura de suas casas, usam também a folha de bananeira, sempre cortada a dente. Pois está aqui um detalhe importante: é mais fácil derrubar uma árvore usando um machado de pedra, do que arrancar uma folha de bananeira sem uso de faca. De modo que a dificuldade desses homens para viver é uma coisa tremenda.

O relato do sertanista Orlando dá conta do que ficou constatado no final de outubro daquele ano, quando a expedição após esse primeiro contato indireto com os índios teve que ser suspensa, por causa da intensidade das chuvas, que nessa época do ano caem na região. Em 1969, a expedição foi reativada, mas constatou-se que os Kreen-Akarore haviam abandonado a área, deixando fundada, no meio da aldeia, uma flecha. Nos caminhos, tapagens feitas com varas trançadas. Sinais de hostilidade. Além disso, um tambor de gasolina deixado quase vazio junto ao campo de pouso, estava entrecalhado a golpes de borduna.

Final